

PAULA McLAIN

# QUANDO AS ESTRELAS SE APAGAM

Uma jovem desaparecida.  
Uma detetive se escondendo do mundo.  
Um caso do passado que as une.

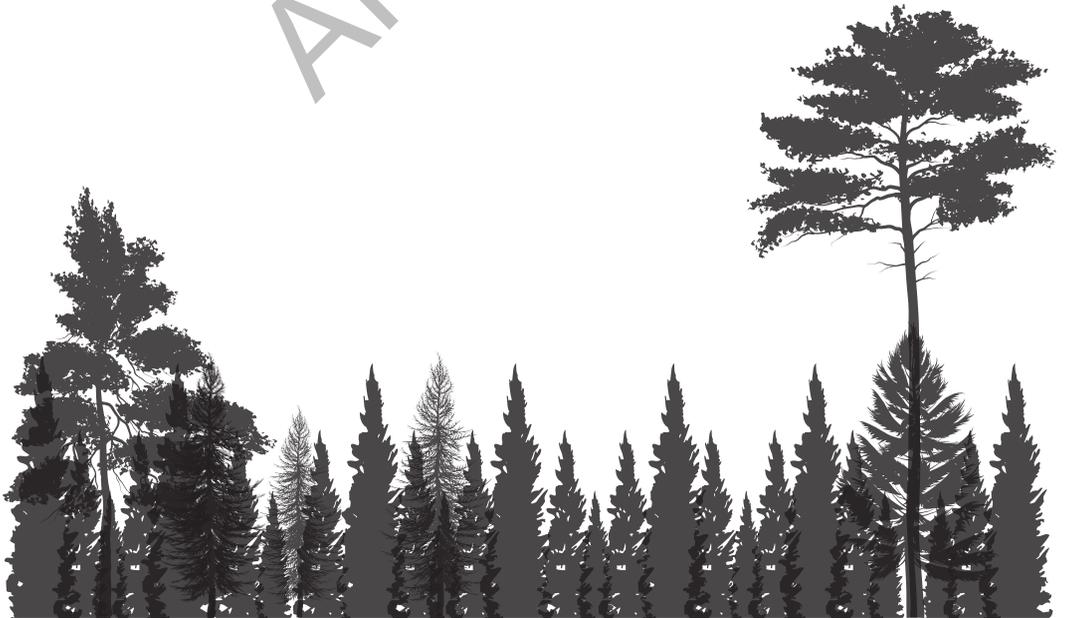
Tradução de: Luiza Romagnoli



Rio de Janeiro, 2022

1

# SINAISE VAPORES







A noite parece fragmentada enquanto deixo a cidade; por meio da névoa penetrante, um céu de setembro em ruínas. Atrás de mim, Potrero Hill é um trecho de praia morta, uma São Francisco completamente inconsciente ou absorta. Acima da linha das nuvens, uma esfera amarela assustadora está emergindo. É a lua, gigantesca e inchada, com a cor de limonada. Não consigo parar de observá-la erguendo-se cada vez mais alto, saturada de brilho, como uma ferida. Ou como uma porta totalmente iluminada pela dor.

Ninguém está vindo para me salvar. Ninguém pode salvar ninguém, embora eu já tenha acreditado no contrário. Acreditava em todo tipo de coisa, mas agora vejo que o único caminho a seguir é começar do zero, ou qualquer coisa que seja menos que zero. Tenho a mim mesma e mais ninguém. Tenho a estrada e essa névoa serpenteante. Tenho essa lua atormentada.



Dirijo até os marcos familiares ficarem para trás e paro de olhar pelo retrovisor para ver se alguém está me seguindo. Em Santa Rosa, o Hotel Travelodge fica escondido atrás de um estacionamento de supermercado; a área está vazia e iluminada como uma piscina à noite sem ninguém dentro. Quando toco a campainha, a gerente noturna faz um barulho vindo de uma sala nos fundos e logo aparece animada, enxugando as mãos num vestido de algodão chamativo.

— Tudo bem? — pergunta ela. A pergunta mais inofensiva do mundo, mas impossível de responder.

— Tudo bem.

Ela estende o cartão de registro e uma caneta roxa, a parte carnuda debaixo do braço se desenrolando como uma asa. Sinto o seu olhar em meu rosto, meu cabelo. Ela observa minhas mãos, lendo-me da cabeça aos pés.

— Anna Louise Hart. Que nome bonito.

— Quê?

— Você não gosta, querida? — A voz dela tem o som do Caribe, um tom rico e caloroso que me faz pensar que ela chama todo mundo de “querida”, até eu.

É difícil não recuar diante de sua gentileza, ficar de pé sob o tom esverdeado da lâmpada fluorescente e anotar o número da minha placa; falar com ela como se fôssemos apenas duas pessoas em um lugar qualquer, vivendo sem uma única tristeza.

Ela finalmente me dá a chave e vou para o quarto, fechando a porta atrás de mim com alívio. Lá dentro, há uma cama, um abajur e uma daquelas cadeiras estranhas em que ninguém se senta. A má iluminação transforma tudo em retângulos opacos: o carpete de mau gosto, a colcha que parece de plástico e as cortinas com os ganchos faltando.

Deixo a mochila no centro da cama, removo a minha pistola Glock-19 e a coloco embaixo do travesseiro duro, sentindo-me segura de tê-la por perto, como se fosse uma velha amiga. Mas talvez seja mesmo. Então, pego uma muda de roupa e ligo o chuveiro, tomando cuidado para não olhar no espelho ao me despir, exceto para checar os seios, que endureceram como pedras. Ao tocar, percebo que a mama direita está quente, com uma protuberância vermelha e cheia de bolhas em torno do mamilo. Abro a torneira do chuveiro o mais quente possível e fico ali, sendo queimada viva, sem nenhum alívio.

Quando saio, pingando, coloco uma toalha debaixo da torneira antes de depositá-la no micro-ondas, ensopada, até que fique fumegante. O calor

parece vulcânico quando pressiono o pano com força contra mim, chamuscando as mãos enquanto me curvo sobre o vaso sanitário, ainda nua. A carne solta em volta da minha cintura está elástica e macia contra meus braços, como um bote salva-vidas desinflado.

Com o cabelo molhado, vou à farmácia 24 horas, compro ataduras, uma bomba tira-leite, bolsas *ziplock* e uma garrafa de um litro de cerveja mexicana. Eles só têm uma bomba manual em estoque, estranha e lenta. De volta ao quarto, a televisão velha e pesada projeta sombras espalhadas na parede vazia. Bombeio com o som de uma novela espanhola, tentando me distrair da dor da sucção. Os atores fazem movimentos e expressões exagerados, confessando coisas uns aos outros enquanto trabalho em um seio e depois no outro, enchendo o reservatório duas vezes e depois esvaziando o leite em saquinhos que rotulo como 21/09/93.

Sei que deveria jogar tudo fora, mas não tenho coragem. Em vez disso, seguro os saquinhos por um tempo, assimilando seu significado antes de colocá-los no freezer do minibar e fechar a porta; pensando brevemente na empregada que irá encontrá-los, ou em algum caminhoneiro que tinha encalhado na estrada e procurava por gelo, sentindo repulsa ao abrir o minibar. O leite conta toda uma trama sórdida, embora eu não consiga imaginar nenhum estranho adivinhando tudo corretamente. Estou tendo dificuldade em entender e sou a personagem principal; sou eu quem escreve a história.



Pouco antes do amanhecer, acordo febril e me entupo de antitérmico, sentindo a garganta emperrar e queimar em volta das cápsulas. Um banner de notícias de última hora está passando na parte inferior da TV, e diz: *47 mortos confirmados em Big Bayou, Alabama. O acidente mais mortal da história da Amtrak.* Em algum momento no meio da noite, um barco rebocador saiu de curso no rio Mobile devido à densa neblina, lançando uma balsa contra a ponte Big Bayou Canot e deslocando a via em um metro. Depois de 8 minutos, o trem Amtrak Sunset Limited, que funcionava de acordo com o cronograma, viajando de Los Angeles a Miami, atingiu a fissura a 112 quilômetros por hora, arrancando os três primeiros carros, derrubando

a ponte e rompendo o tanque de combustível. A Amtrak está acusando o motorista do rebocador de negligência. Vários membros da tripulação estão desaparecidos, e as equipes de resgate ainda estão trabalhando. O presidente Clinton deve visitar o local ainda hoje.

Clico para desligar o aparelho, desejando que o botão vermelho emborrachado do controle remoto pudesse funcionar para desligar tudo, por dentro e por fora. Caos, desespero e morte sem sentido. Trens avançando em direção a vãos e fissuras, todos a bordo dormindo e sem noção do que acontecia. Capitães de rebocadores no rio errado no momento exatamente errado.

*Oito minutos, quero gritar. Mas quem iria me ouvir?*

AMOSTRA



## (dois)

Certa vez, trabalhei em um caso de uma pessoa desaparecida: um menino que, mais tarde, encontramos em pedaços sob a varanda de sua avó em Noe Valley. A avó estava na tal varanda, sentada em uma cadeira de balanço que rangia, bem em cima do corpo, quando paramos em frente à residência. Por meses, o rosto dela ficou gravado em minha mente; as dobras da pele em torno de sua boca, o batom rosa fosco pintado acima da linha do lábio superior. A serenidade em seus olhos azuis lacrimejantes.

O neto dela, Jeremiah Price, tinha 4 anos. Ela o envenenou primeiro para que ele não se lembrasse da dor. “Lembrasse” nas palavras dela, a primeira palavra na trama que estava contando a si mesma sobre o que ela sentiu que precisava fazer. Mas a história só fazia sentido para ela e ninguém mais. Quando obtivemos sua confissão, fizemos a mesma pergunta repetidamente. *Por que você o matou?* E ela nunca nos contou.



Em meu quarto escuro no Travelodge, há um telefone rotativo na mesinha de cabeceira, barata e danificada, com a tarifa de chamadas de longa distância e instruções para a discagem. Brendan atende no segundo toque, a voz lenta e grossa, como se saísse do concreto. Eu o acordei.

- Onde você está?
- Santa Rosa. Não fui muito longe.
- Você deveria dormir um pouco. Está com uma voz horrível.

— Pois é. — Olho para as minhas pernas nuas sobre a coberta, sentindo a textura de palha de aço do tecido barato contra as coxas. Minha camiseta está úmida e amassada, grudada na nuca por conta do suor. Envolvi os seios em um torniquete de ataduras, e a dor, apesar de todo o Advil, é aguda a cada batida do coração, uma espécie de ecolocalização irregular. — Não sei o que fazer. Isso é horrível. Por que você está me punindo?

— Não estou, é só que... — Há uma pausa longa e carregada enquanto ele pondera as palavras. — Você tem que descobrir algumas coisas por conta própria.

— Como vou fazer isso?

— Não posso te ajudar. — Ele parece derrotado, prestes a sucumbir. Posso imaginá-lo no seu lado da nossa cama à luz do amanhecer, o corpo curvado sobre o telefone, uma mão no cabelo escuro e espesso. — Tenho tentado e estou *cansado*, sabe?

— Me deixa voltar para casa. Podemos consertar tudo.

— Como? — pergunta ele, ofegante. — Algumas coisas não podem ser consertadas, Anna. Vamos dar um tempo. Isso não precisa ser para sempre.

Porém, algo em seu tom me faz duvidar. Como se ele tivesse cortado o cordão, mas tivesse medo de reconhecer. Porque não sabe o que vou fazer.

— De quanto tempo estamos falando? Uma semana? Um mês? Um ano?

— Não sei. — Seu suspiro é desgastado. — Tenho que pensar em muita coisa.

Na cama ao meu lado, minha própria mão parece seca e rígida, como algo que pertence a um manequim em um shopping. Desvio o olhar, fixando-o em um ponto na parede.

— Você se lembra de quando nos casamos? Aquela viagem que fizemos?

Ele fica quieto por um minuto e em seguida diz:

— Eu me lembro.

— Dormimos no deserto debaixo daquele cacto enorme cheio de pássaros. Você disse que era um condomínio.

Outra pausa.

— Sim. — Ele não tem certeza de aonde isso vai dar, não tem certeza de que não perdi o juízo completamente.

Eu mesma não tenho tanta certeza.

— Aquele foi um dos nossos melhores dias. Eu estava realmente feliz.

— Sim. — Pelo telefone, a respiração dele acelera. — Acontece que não vejo essa mulher há muito tempo, Anna. Você não tem nos apoiado e sabe disso.

— Eu posso melhorar. Me deixa tentar.

O silêncio se espalha pelo receptor, envolvendo-me na cama enquanto espero a resposta dele.

Por fim, ele diz:

— Não confio em você. Não posso. — A clareza em sua voz é devastadora. A certeza. Por semanas, ele esteve tão bravo, mas isso é pior. Ele tomou uma decisão contra a qual não posso lutar, porque lhe dei todos os motivos para que se sentisse exatamente assim. — Se cuide, ok?

Sinto que estou oscilando à beira de um precipício sombrio. Houve momentos do nosso casamento em que ele teria me jogado uma corda.

— Brendan, por favor. Não posso perder tudo.

— Sinto muito — diz ele e desliga antes que eu possa falar outra coisa.



Quase duzentas pessoas compareceram ao velório, muitas delas uniformizadas. Colegas, amigos e estranhos bem-intencionados que leram a história no *Chronicle* e pensaram: “*não fosse a graça de Deus, ali estaria eu*”.

Fechei o zíper de um vestido que não conseguia nem sentir, estava tão chapada de ansiolítico que a roupa podia até ser feita de facas. Por trás de enormes óculos escuros, lia os lábios de Brendan enquanto dizia “obrigado” toda hora. De volta à casa, fiquei em um canto da cozinha, longe da quantidade agressiva de flores, dos bilhetes de pêsames, dos rostos

abatidos em torno da mesa cheia de caçarolas e das travessas de queijo. Meu supervisor, Frank Leary, encontrou-me lá; nas mãos, um prato de comida que ele nem fingia querer.

— O que posso dizer, Anna? O que alguém pode dizer sobre algo tão terrível? — Sua voz normalmente era rouca, não suave assim. Desejei poder congelá-lo onde ele estava, ele e todos os outros, como se brincássemos de estátua, e ir embora. Em vez disso, apenas assenti.

— Obrigada.

— Você pode tirar o período de luto que precisar. Não se preocupe com nada, está bem?

A parede parecia se aproximar lentamente enquanto ele falava.

— Na verdade, estava pensando em voltar na próxima semana. Preciso de outra coisa em que me concentrar.

— Qual é, Anna. Não pode estar falando sério. É muito cedo. Você deveria pensar na sua família agora e cuidar de si mesma.

— Você não entende, Frank. — Podia ouvir minha voz estrangulada em torno das palavras e tentei diminuir o ritmo para soar menos desesperada. — Vou enlouquecer aqui sem nada para fazer. Por favor.

Ele ergueu as sobrancelhas e parecia prestes a me corrigir quando meu marido se aproximou. Frank se endireitou um pouco e estendeu a mão.

— Brendan. Dia difícil. Meus pêsames, cara. Me avise se houver algo que eu possa fazer.

— Obrigado, Frank. — A gravata de malha cinza de Brendan pendia frouxa na gola aberta de sua camisa, mas nada em seu corpo parecia remotamente relaxado enquanto parava entre mim e Frank e olhava de um para o outro, como se tentasse interpretar a energia ao redor.

— Então, o que está acontecendo aqui?

— Nada — menti de pronto. — Podemos falar sobre isso mais tarde.

— Eu ouvi. — Ele piscou rapidamente, o rosto enrubescendo. — Você não pode estar falando sério sobre querer voltar ao trabalho agora.

— Olhe — disse Frank, dando um passo à frente. — Falei a mesma coisa. Estou do seu lado.

— E quem está do *meu* lado? — Atrás de mim, a parede era lisa e fria contra a minha mão, mas de repente me senti enjaulada. Encurralada. — Só estou tentando superar isso, ok? Se não conseguir me distrair... — Não conseguia terminar a frase.

— Não acredito nisso! — Brendan comprimiu os lábios, as narinas dilatadas. — E nós? Que tal focar na sua família? Não merecemos isso de você? Especialmente depois do que aconteceu?

Foi como se ele tivesse me dado um tapa. Meu corpo congelou.

— Não foi isso o que eu quis dizer. — Pude ouvir como minha resposta soou rígida, muito na defensiva.

— Sim, foi sim.

Frank e eu o observamos dar meia-volta e abrir caminho pela sala cheia, com a cabeça baixa.

— Você deveria ir atrás dele. Ele só está de luto. As pessoas dizem todo tipo de coisa quando estão sofrendo.

— *Pessoas*, Frank? E quanto ao *meu* sofrimento? — Dentro do meu peito, tudo parecia sufocante, selado a vácuo. — Você também me culpa, não é? Diga logo.



A temperatura do ar parece a da água do banho quando saio de Santa Rosa e o sol brilha obscenamente. Até o estacionamento malcuidado do hotel é um jardim; meia dúzia de árvores-da-seda com flores emplumadas na cor fúcsia. Há pássaros por toda a parte – nos galhos, no céu limpo, no quiosque em neon do *drive thru* Jack in the Box, onde três filhotes peludos me olham de um ninho formado por embalagens de canudos, as gargantas tão rosadas e abertas que dói olhar para eles.

Peço um café grande e um sanduíche de ovo que não posso comer antes de seguir para a Rota 116, que me levará pelo Vale do Rio Russo até a costa. Jenner é a cidade ali, mais um cartão-postal do que um vilarejo de verdade. Bem abaixo, Goat Rock parece uma bola de brinquedo gigante e rústica contra o azul vertiginoso do Pacífico, o tipo de truque de mágica que o norte da Califórnia parece fazer de olhos fechados .

Em 35 anos, nunca deixei o estado ou morei em qualquer lugar ao sul de Oakland, e, ainda assim, a beleza ainda me impacta. Uma beleza estúpida, espontânea e ridícula, que se mantém indefinidamente – a montanha-russa da Estrada da Costa do Pacífico, o mar semelhante a uma bofetada de cores selvagens.

Paro e estaciono em um pequeno e rígido acostamento oval, cruzando as duas pistas até alcançar um lugar aberto acima de arbustos retorcidos, rochas pretas serrilhadas e rajadas de espuma pontiaguda. O mergulho é dramático. Atordoante. O vento vem até mim, arranhando cada camada de roupa de modo que tenho que me abraçar, tremendo. Então meu rosto está

molhado de repente, as lágrimas surgindo pela primeira vez em semanas. Elas não surgem por causa do que fiz ou não fiz. Ou do que perdi e nunca poderei ter de volta, mas surgem porque há apenas um lugar para onde posso ir a partir daqui, percebo, a única estrada no mapa que significa algo para mim agora. O caminho de volta para casa.

Por dezessete anos, fiquei longe de Mendocino, trancando o lugar dentro de mim como algo precioso demais para sequer olhar. Agora, porém, na beira deste penhasco, parece que é a única coisa que me mantém viva, a única coisa que sempre foi minha.

Se parar para pensar, a maioria de nós quase não tem escolha sobre o que vai se tornar ou quem vai amar, ou qual lugar na Terra nos escolhe, tornando-se um lar.

Tudo o que podemos fazer é ir quando formos chamados e rezar para que ainda sejamos acolhidos.

Quando chego a Albion algumas horas depois, a névoa costeira encobriu o sol. Ela gira à frente dos meus faróis baixos, fazendo tudo desaparecer e reaparecer: a estrada costeira sinuosa, os pinheiros agrupados e, então, a cidade, finalmente, como algo saído de uma fábula sombria – casas vitorianas flutuando, brancas, à deriva sobre os promontórios, a névoa ao redor estremecendo e se dissipando, parecendo respirar.

Sinto uma pressão conforme cada curva sinuosa me leva para mais perto do passado. As formas das árvores parecem ecoar. Os sinais de trânsito e a longa ponte úmida também. Estou quase em cima do semáforo quando percebo e tenho que abrir o caminho, correndo pelo sinal amarelo em direção à Estrada Lago Pequeno. Então sigo a intuição, guiando-me exclusivamente pela memória muscular.

Virando à esquerda na Rua Lansing, sinto como se estivesse me espremendo pelas dobras do tempo. Acima da linha do telhado do Salão Maçônico e contra um céu transparente, as figuras da estátua *O Tempo e a Donzela* se erguem nítidas e brancas, a coisa mais icônica da vila. Uma figura idosa,

barbada, com asas e uma foice, trançando o cabelo de uma garota à sua frente. A cabeça dela inclina-se sobre um livro apoiado em uma coluna quebrada, um galho de acácia em uma das mãos, uma urna na outra e uma ampulheta perto dos pés – cada objeto é um símbolo enigmático em um quebra-cabeça maior. A escultura inteira como um mistério à vista de todos.

Certa vez, quando tinha dez anos, logo depois de vir morar em Mendocino, perguntei a Hap o que a estátua significava. Em vez de responder, ele sorriu e me contou a história de como um jovem operário e carpinteiro chamado Erick Albertson a esculpiu de um único pedaço de sequoia-vermelha em meados de 1800, trabalhando à noite em sua cabana na praia. Durante esse tempo, ele se tornou o primeiro mestre da Ordem Maçônica de Mendocino, mas nunca parou de trabalhar em sua obra-prima. Levou sete anos ao todo e, então, algum tempo depois que a escultura foi erguida em 1866, ele morreu em um estranho acidente que os livros de história não podiam explicar propriamente.

Hap era membro da Ordem Maçônica há décadas, por mais tempo ainda do que era guarda-florestal. Presumi que ele sabia de tudo, tudo o que havia para saber. Mas quando lhe perguntei como o falecimento de Albertson estava relacionado às figuras e o que elas significavam, ele me olhou de soslaio.

— A morte de Albertson não tem nada a ver com você. E, de qualquer forma, aconteceu há muito tempo. Os símbolos não fariam sentido mesmo se eu explicasse. Eles contam uma história conhecida apenas pelos maçons, nunca escrita, apenas transmitida oralmente quando estes galgam o Terceiro Grau.

Fiquei ainda mais intrigada.

— O que é o Terceiro Grau?

— O que você está me dando agora — disse ele e se afastou antes mesmo que eu entendesse a piada.



Estaciono, coloco um boné de beisebol e óculos escuros antes de sair para a rua fria e úmida. É difícil imaginar qualquer pessoa local me reconhecendo como uma mulher adulta, mas os jornais de São Francisco são amplamente lidos aqui, e, ocasionalmente, meus casos foram parar no *Chronicle*. Aliás, o acidente também.

No Mercado de Mendosa, mantenho a cabeça baixa, tentando pegar apenas o essencial, verduras em lata, alimentos não perecíveis, coisas fáceis de preparar. Mas parte de mim se sente presa no rolo giratório de um filme antigo. Parece que eu estava aqui, bem aqui perto da geladeira iluminada cheia de leite enquanto Hap estendia a mão para pegar um galão frio e o abria, bebendo no gargalo e piscando para mim antes de colocá-lo em minhas mãos. Então ele estava empurrando o carrinho de novo, manobrando com os cotovelos, inclinando-se sobre a cesta. Calmamente, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Mas ninguém tem isso.

Quando termino de pegar o que preciso, pago em dinheiro, colocando as sacolas na parte de trás do meu Ford Bronco antes de descer a rua em direção ao Café GoodLife. Quando eu morava aqui, tinha outro nome, mas não me lembro qual, e não faz diferença. O som, a forma e o cheiro do lugar se encaixam perfeitamente na minha memória. Peço um café e uma tigela de sopa, em seguida me sento próximo à janela de frente para a rua, reconfortada pelos barulhos ao meu redor; o som de pratos sendo reunidos em caixas plásticas, grãos frescos no moedor, conversas amigáveis. Então, por cima do ombro, ouço dois homens discutindo.

— Você realmente não acredita em toda essa besteira, não é? — grita um para o outro. — Videntes e outras baboseiras? Você sabe quanto dinheiro essa família tem. Ela só quer uma fatia. Diabos, eu não a culpo.

— E se ela realmente souber de algo e ninguém der continuidade? — profere o outro homem de volta. — A menina pode estar sangrando em algum lugar ou coisa pior.

— Ela provavelmente já está morta.

— Qual o seu problema? Ela é uma *pessoa*. Uma criança.